

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NA MODERNIDADE:  
CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DE UMA IDENTIDADE EDUCATIVA**

Tatiana Luena Baptista e Sanches

Universidade de Lisboa, Instituto de Educação

[tsanches@fpie.ul.pt](mailto:tsanches@fpie.ul.pt)

Palavras-chave: Bibliotecas Universitárias; Bibliotecas Académicas;

O objetivo desta comunicação é tornar explícito, num arco temporal que abrange os séculos XVIII a XX, e dentro da moldura temática da educação, que lógicas atravessam a constituição das bibliotecas universitárias, no sentido em que estas são representantes e resultantes de uma materialidade da cultura escolar, e mais particularmente, de uma cultura biblioteconómica cujas características atuais emergiram na sobreposição do tempo e do discurso escolares. Ao estudarmos um passado histórico em que colocamos as bibliotecas num lugar de destaque, podemos a partir delas interpretar um ecossistema civilizacional, guiando-nos pelas pistas que preservaram, como uma substância em suspensão no caldo da cultura escrita. Assim, as fontes históricas, e em particular as escritas, são primordiais para a compreensão de um determinado contexto civilizacional e de uma memória coletiva, quer no que concerne a uma visão global do mundo, no entendimento particular da Educação e dos sistemas educativos em concreto. No dizer de Justino Magalhães (2010:18), *“Reconhecida como informação significativa, portadora de um sentido e de uma semântica, e recriada como experiência, a memória colectiva tornou-se, sob a modalidade da educação, constitutiva da pessoa humana e da sociedade”*. Metodologicamente optou-se neste trabalho pela análise comparativa, tomando como casos referenciais o exemplo de quatro países. Concorro, portanto, com a perspetiva de que as sociedades em geral e os Estados Nação em particular, e por consequência as suas instituições educativas, resultam não tanto da definição de fronteiras físicas, mas de patrimónios discursivos que fundamentam o modo de contar histórias (visíveis nos arquivos e bibliotecas) dos seus protagonistas. Do ponto de vista da investigação em bibliotecas universitárias é interessante observar a ideia de que o sistema escolar, em particular o sistema de educação terciária ou universitária, e a

documentação (de arquivo e de bibliotecas) que dele emanou, possibilita o estudo de inesperadas semelhanças entre diferentes realidades, não obstante a sua época, regime, país ou outro tipo de variável. No âmbito de um contexto ocidental, é forçoso tomar como referentes os países que pela sua prevalência cultural podem contribuir para a observação de aspetos comuns a uma cultura transnacional (se é que assim podemos designar os traços comuns dos aspetos técnicos, práticos e sócio-comunitários) das bibliotecas académicas e, de alguma forma, a própria cultura nacional, como espaço de interseção dessas influências. Assim, recorro à aproximação de dois países representantes da cultura anglófona - Inglaterra e Estados Unidos -, à cultura francófona - com a observação de França, incontornável nesta matéria -, e ilustro ainda o exemplo da Alemanha. Justifico esta escolha recorrendo novamente a Justino Magalhães (2010:17), quando argumenta sobre o quadro referencial da cultura escrita: “(...) *a complexidade evoluiu agregada a um mesmo núcleo sócio-cultural. Na base dessa comunalidade estão o arquitepo da latinidade e do humanismo; a vernaculização da cultura escolar; o primado fundante do Estado-Nação; a transversalidade do pedagógico escolar; a vulgarização do ofício escrevente.*” E eu acrescentaria que, para este estudo, estão também em jogo os valores ocidentais do conhecimento científico.

A questão sobre a qual agora me debruço parte da necessidade de observar, em contextos nacionais, o papel da universidade e da biblioteca universitária em particular, no seio de um sistema escolar nacional.

### **O caso francês**

O sistema de educação francês da modernidade foi pensado na sua globalidade, com a articulação entre graus de ensino e sobretudo exemplarmente estatizado. Isto significou que foi intencionalmente que os ideais revolucionários de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” foram adotados para serem vertidos em organização e forma, nomeadamente no acesso massificado à escolarização, que teve aqui o seu embrião. Na viragem para o século XX, a situação das bibliotecas de investigação e universitárias acompanhou a forte expansão das suas instituições de acolhimento. Porém, as duas grandes guerras foram particularmente insidiosas na quebra dos recursos alocados à escola pública, à investigação e ao ensino superior, não tendo sido a investigação uma prioridade nessas alturas, uma vez que os maiores recursos teriam de ser colocados ao serviço do esforço de guerra. Na década de 30 desse século houve, de facto, um crescimento da construção de edifícios próprios para bibliotecas universitárias. Isto

deveu-se em grande parte ao aumento exponencial do número de alunos, ao incremento da edição e ao enorme avanço da produção científica e técnica e sua divulgação. Porém, após a II Guerra, a contenção económica fez com que o processo de crescimento das bibliotecas universitárias e de investigação, no que respeita à constituição de coleções, contratação de pessoal, renovação de instalações, entre outras necessidades, ficasse praticamente estagnado. Houve sim algumas mudanças importantes ao nível da legislação, da formação de profissionais, da constituição de associações nacionais e internacionais e da publicação de revistas especializadas, mas, apesar dos esforços dos atores envolvidos, o protagonismo destas bibliotecas não voltou a ser comparável com o anteriormente alcançado. No entanto, nos trinta anos que se seguiram, após a criação por decreto, em 1945, de uma Direção das Bibliotecas, as bibliotecas universitárias iriam beneficiar de um impulso decorrente da recuperação e do crescimento económico do país. Com ele as grandes contestações e reformas no ensino público, a criação de novos cursos no ensino superior e o surgimento de graus superiores de estudos no ensino terciário. As necessidades sentidas devido à massificação do ensino levam a que, só num ano, o de 1959, sejam construídas sete grandes bibliotecas universitárias e outras nove remodeladas. Os estudos e trabalhos específicos da biblioteconomia têm também um grande avanço, com a fixação de normativos e o avanço na publicação de materiais técnicos. Além de um aumento de recursos materiais e financeiros, em apenas uma década, as universidades francesas viram o número de estudantes aumentar exponencialmente, passando de 194.000 (no ano letivo de 1959-1960) para 625.000 (em 1969-1970). E seguidamente foram dados importantes passos na reorganização das bibliotecas universitárias:

*Il s'agit d'accueillir les deux flux d'utilisateurs, en transformant le fonctionnement des BU pour répondre aux besoins spécifiques des étudiants d'une part. Pour répondre à leur attente, les documents être avant tout disponibles et présentés en ensembles organisés intellectuellement. Un autre objectif est de relancer la coopération avec les bibliothèques d'instituts, en offrant un cadre analogue (salles spécialisées et ensembles documentaires riches), mais en juxtaposition des différentes disciplines favorisant l'interdisciplinarité. (PALLIER, 1992: 386)*

E assim foram tomadas medidas de fundo que, do meu ponto de vista, alteraram por completo a face das bibliotecas universitárias, a saber – a disponibilização dos fundos em livre acesso, organizados segundo a classificação decimal universal (CDU); a organização do espaço em dois níveis diferenciados: grandes salas de leitura com obras

de referência e manuais de estudo em livre acesso e áreas específicas para os alunos de 2º e 3ª ciclo, por um lado, e para os investigadores, com acesso às publicações periódicas e às áreas disciplinares específicas, por outro; novas formas de controlo de aquisições; maior diversificação nas formas de transferência de fundos, melhoria dos catálogos, com introdução dos catálogos topográficos e sistemáticos (de cotas e de assuntos) e introdução dos empréstimos domiciliários. Estas medidas inovadoras, tomadas a par com o início da automatização, no início da década de 70, levaram à apropriação das bibliotecas universitárias pelos seus públicos. Eis os grandes contributos das bibliotecas francesas: o enorme avanço da normalização técnica, necessária para a automatização dos dispositivos biblioteconómicos, com o consequente incremento do trabalho em cooperação, e o livre acesso, isto é, a abertura ao público das grandes coleções, antes reservadas, evoluindo, juntamente com a universidade, no sentido da promoção da chegada direta ao conhecimento. Após trinta anos de crescimento económico, à entrada dos anos 80 do século XX, houve uma estagnação. Uma importante mudança ao nível organizacional pode ter contribuído para esta situação: os anos de dependência reitoral levaram a um afastamento das bibliotecas universitárias que se organizaram menos como uma estrutura de apoio à universidade e mais como um serviço do Estado na universidade (GLEYZE, 1992: 677), pois as regras de funcionamento implementadas a nível nacional moldavam a sua identidade de forma indelével. Este afastamento deveu-se possivelmente, parafraseando este autor, à forma estruturada de organização temática universal que não previa (ou acautelava de forma deficiente) certas áreas do saber, necessárias para os investigadores. Daí que, após um primeiro movimento de concentração promovido pelas grandes bibliotecas, tenha havido uma dispersão dos fundos documentais, através da criação de “bibliotecas de proximidade” ou de investigação, mais adequadas ao trabalho de pesquisa sistemática e associadas a cada uma das escolas. Já nos anos 80, com a publicação de um decreto de 26 de Janeiro de 1984, previa-se que *“la constitution des les universités de services comuns de la documentation ayant vocation à reunir l’ensemble des bibliothèques, à commencer par la bibliothèque universitaire”* (GLEIZE, 1992: 678), ou seja, esperava-se que a economia de escala, com a centralização dos recursos novamente num único local fosse uma realidade. No entanto a autonomia universitária limitou a aplicação plena daquela legislação. Assim podemos sublinhar o contributo francês num aspeto essencial à compreensão das bibliotecas universitárias: o modelo de funcionamento dos espaços: por um lado, a grande biblioteca universitária central, de temáticas

abrangentes, com grande quantidade e diversidade nos seus fundos documentais, quer ao nível das matérias tratadas, quer ao nível da origem e datação das coleções. Por outro, a bibliotecas de médio porte, muito especializadas, centradas numa ideia de faculdade e por isso mais próximas do investigador e do aluno, porque mais acessíveis.

### **O caso alemão**

A Alemanha afirmou-se historicamente como incontornável para a compreensão da cultura europeia. Apesar de uma história atribulada em termos territoriais, de que se destaca a relativamente recente unificação do país, desde cedo que o seu pioneirismo nas medidas educativas se tornou uma inspiração para países como os Estados Unidos ou o Japão (ALTBACH, 1985: 2195). Esse pioneirismo assentou em grande parte na ideia de liberdade de ensinar e de aprender que emergiu nos finais do século XVIII, com contributos de diversos grupos de intelectuais, com relevância para os professores universitários, mas também com o contributo dos estudantes universitários, que reivindicaram uma ordem social e política renovada. É justamente no início do século XIX, em 1810, que é fundada a universidade de Berlim, criada no alvorecer da modernidade. E de facto, na visão de Wilhelm von Humbolt, seu fundador, a Universidade de Berlim, compreendia um conceito humanista renovado, moderno, ou de “Universitas litteratum”. Esta nova universidade combinou o objetivo de investigar com o de ensinar, num diálogo entre o fazer ciência e o ensinar ciência. E Boyd explica:

*Berlin University was not intended to be a mere addition to the number of existing universities but was created to embody a new conception of university work. The main emphases was laid on scientific research rather than on teaching and examining; and with this in view the professors appointed were chosen for their capacity to make original contributions to the furtherance of learning. The university, moreover, was granted full liberty to manage its own affairs in regard both to studies and administration.*(BOYD: 1966, p.336)

Este foi um dos marcos mais significativos na conceção de uma nova universidade, que, a partir deste embrião, e a par da transição para o século XX, pode prevalecer como matriz conceptual no ensino alemão. No arco temporal das duas grandes guerras o sistema de ensino ficou profunda e indissociavelmente associado às ideologias sociais do governo do Estado. Já em 1965, a Lei da Educação originou uma reforma profunda no sistema educativo alemão. Essa reforma foi considerada completamente implementada em 1978, quando os primeiros alunos saídos do “novo” sistema escolar

de 10 anos foram os primeiros a concluir o ensino formal obrigatório sob o novo currículo:

*The 1965 Law states: "It is the purpose of the integrated socialist system of education to give the entire people a high degree of education and educate universally developed personalities who make deliberate efforts to shape society, change nature, and lead happy and fulfilled lives worthy of man (Unser Bildungssystem 1965) (KIENITZ: 2025)*

A ideia de formar uma sociedade como um todo hegemónico, constituído por indivíduos com competências ao nível dos saberes e dos ofícios, mas tendo igualmente em atenção a formação do carácter e da ideologia, fundava os princípios da educação alemã. Esta forma de conceber e operacionalizar o ensino formal, devido à decisão explícita de transformar a sociedade a partir da implementação de um plano educacional vasto e transversal dirigido ao indivíduo, foi levada às últimas consequências e aplicada em todos os níveis, incluindo o universitário:

*Universities and schools of university status seek to establish and preserve the integration of character education and academic training, of teaching and research, and of theory and practice. Students give their training establishments more help than before in research studies and in putting the latest scientific findings to practical use. (KIENITZ: 2029)*

E de facto no cerne da contribuição alemã podem resumir-se como aspetos essenciais: a centralidade e responsabilidade do indivíduo face ao desenvolvimento da investigação e da ciência; a ideia de uma formação integral, enquanto formação humanista, onde se incluem as questões éticas e a formação do corpo e do espírito. Estas ideias tornam-se fundamentais para um melhor entendimento acerca da constituição e desenvolvimento das bibliotecas do ensino superior na Alemanha, bem como para a observação supranacional da evolução das bibliotecas universitárias.

### **O caso Inglês**

A tradição monástica de guarda e preservação do saber manteve-se até aos dias de hoje, de formas mais ou menos explícitas. A constituição de importantíssimas coleções com base em doações de entidades e indivíduos é também um meio pelo qual as bibliotecas universitárias mantêm presentemente a sua consistência e aumentam o seu valor. Por fim, a sistematização, classificação e disponibilização da informação para investigação e estudo continua a ser um dos traços identitários das bibliotecas universitárias.

Acompanhemos pois, alguns momentos importantes da história das bibliotecas em Inglaterra para a melhor compreensão deste ideário. No século XVIII, mais precisamente em 1753, foi criada a National Library, juntamente com o British Museum, um importante passo para a afirmação da cultura nacional. A Revolução Industrial determinou o rumo da história e umas das primeiras bibliotecas de cariz especializado para o ensino e investigação foi a do então recém-criado Instituto de Mecânica. As bibliotecas públicas foram também instituídas em 1850 na sequência do Act of Parliament desse ano, antes mesmo do Elementary Education Act (ou Forster's Education Act, que instituiu o ensino formal para as crianças entre os 5 e os 12 anos), em 1870 (FOSKETT,1959:8,9). A evolução da indústria, da engenharia e das empresas garantiram a proliferação de associações profissionais, ordens, sociedades científicas, entre outras entidades, que criaram também bibliotecas específicas sobre as temáticas do seu negócio ou área de interesse, com o fim de incentivarem a investigação e desenvolvimento da ciência e do saber nessas mesmas áreas. Sublinhe-se que a transformação do tipo de trabalhador médio exigiu conhecimentos técnicos específicos com vista a uma emergente especialização e profissionalização. Isto criou também a necessidade de desenvolvimento de pesquisas de âmbito industrial e foi então que as bibliotecas dos institutos técnicos ganharam maior valor e protagonismo. No final da 2ª Guerra Mundial o principal impulso deu-se nas bibliotecas de investigação:

*But greater significance in industry is the growth of libraries for science research. The first of such libraries began towards the end of the nineteenth century, as a consequence of the increasing application of science in industry. New industries, like the chemical and electrical industries, were based on scientific discoveries, and needed scientists to advance their knowledge of the process and keep abreast of competitors.(...) The First World War gave a tremendous impetus both to the application of science and to the use of libraries in industrial research.(...) A similar impetus was given by the Second World War, and we are all familiar with the extension of industrial science in recent years. (FOSKETT,1959:14,15).*

O contexto social de desenvolvimento técnico, industrial e tecnológico foi determinante para as bibliotecas de investigação e, a par do aumento da edição e divulgação do livro, fez com que surgisse a necessidade de uma adaptação dos bibliotecários para maior atenção nas valências da pesquisa e recuperação de informação. De facto, este autor atribui às características contextuais da indústria esta transformação nas práticas biblioteconómicas. Por um lado, a necessidade da indústria obter resultados com rapidez e eficácia, com vista a resolver problemas práticos, por outro, o custo associado ao

cientista e ao risco de este não conseguir desenvolver a sua investigação experimental com resultados inovadores, sem ter por base uma pesquisa prévia do estado da arte, fez com que nas equipas de investigação houvesse um papel específico para um pesquisador, que foi sendo feito a par com a figura de um bibliotecário:

*Thus developed the function of a library as a documentation center, not only collecting and storing the literature so as to make it available on demand, but also disseminating information about new work in their fields to the specialist research workers. All is grist to this mill, because the library has to aim at doing for the scientist what he had been in habit of doing for himself – and, if possible, doing better. This has exercised a powerful influence in library methods. (FOSKETT, 1959:16).*

Assim se conclui que a adaptação das tecnologias às bibliotecas, com vista à eficácia na recuperação da informação, adveio desta necessidade. Do meu ponto de vista, assim se explica também a criação das bibliotecas de ensino superior com base em duas matrizes essenciais: uma matriz que tem por base a orgânica de um centro de documentação, com a função principal de dar apoio personalizado ao investigador, cujas obras disponíveis têm de conter os resultados dos avanços científicos e tecnológicos mais importantes, mais especializados e mais atualizados. Neste caso, a principal função do bibliotecário está centrada na pesquisa, jogando-se na interação informação- mediação tecnológica-utilizador; uma segunda matriz que tem por base a orgânica de uma biblioteca escolar, cuja função principal é a de apoiar a prática do ensino, sustentando o currículo, isto é fornecer ao docente os meios para a preparação da sua prática letiva. As obras disponíveis terão de ser gerais, englobantes de determinadas matérias, mas ao mesmo tempo didaticamente eficazes. O bibliotecário assume aqui uma função mais próxima do seu utilizador tipo – a função pedagógica. A interação faz-se com base numa informação- mediação pedagógica-utilizador.

Apesar de distarem mais de 50 anos da publicação deste estudo de D. J. Foskett, o seu contributo mantém-se extremamente atual para a reflexão sobre as práticas biblioteconómicas em contexto universitário.

### **O caso norte-americano**

Como colónias inglesas, os vários territórios que hoje formam os Estados Unidos da América assistiram ao estabelecimento do Ensino Superior ainda no chamado período colonial, com objetivos marcadamente religiosos. Isto é, as primeiras universidades

(fundadas entre os séculos XVII e XVIII) tinham como propósito a educação dos líderes religiosos das populações, bem como a formação de cidadãos cultural e religiosamente comprometidos com os ideais de um ensino ainda não laicizado. Contudo, no final do período colonial apenas 40% dos graduados tinham como destino profissões clericais, enquanto outros seguiam ocupações voltadas para a agricultura, lei, medicina, ensino e comércio (LYNCH, 1998: 4). A evolução do ensino superior acompanhou, naturalmente, a evolução social, com o desenvolvimento económico e demográfico a marcar definitivamente a forma de organização, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino superior, nomeadamente após a independência, e quando a nação dava os primeiros passos, na transição para o século XIX, as universidades passaram a atrair mais estudantes. No entanto é depois da Guerra Civil de 1860, que opôs os estados do norte num conflito com os estados do sul, que se assiste a um maior desenvolvimento das cidades e das instituições educativas. Na verdade, as próprias bibliotecas universitárias eram insipientes, resultando os seus fundos de algumas doações, e pouco disponíveis à comunidade académica. Como tal, os estudantes encontraram formas alternativas de estimular as suas reflexões e de ter acesso ao conhecimento:

*Undergraduates established debating clubs and literary societies and supported society libraries, strong on modern works, containing English literature and American fiction, current works of history, and current politics and science. These libraries not only were larger than those of the college but also reflected a wider range of content. (...) The literary societies introduced the concept of the student-centered college library* (LYNCH, 1998:7)

De sublinhar o papel central destas sociedades intelectuais na inovação que foi o colocar do foco da organização biblioteconómica no estudante, situação que só muito mais tarde se tornou natural para as bibliotecas académicas. Na realidade, é apenas em meados do século XIX que as universidades reconheceram as bibliotecas como importantes para a sua missão de ensino e investigação, uma vez que até então não havia qualquer lugar ou interesse para o desempenho de funções por parte de um bibliotecário e a tarefa de manter e organizar uma biblioteca académica era uma tarefa menor (ainda que necessária) realizada por um professor (que a organizava de uma forma mais ou menos pessoalizada). A expansão das cidades, a crescente industrialização e a necessidade de formar os cargos dirigentes e técnicos destas indústrias, bem como o consequente

enriquecimento de uma parte da população e o contacto com o mundo europeu, não foram fatores indiferentes à educação terciária:

*The desire of practical, scientific knowledge as opposed to the classical education still emphasized in the colleges was bringing change, as was the demand to introduce scientific inquiry as found in the German universities.* (LYNCH, 1998:9)

A expansão do ensino universitário, a par de uma organização social e comunitária cada vez mais fundada em princípios legais, levou a que o crescimento das bibliotecas académicas continuasse a prosperar no século XX, mesmo apesar do envolvimento dos Estados Unidos em conflitos bélicos internacionais. Nos anos 60, 70 e 80, com a Guerra Fria e a massificação do ensino superior, também as bibliotecas beneficiaram do investimento em larga escala realizado na investigação e desenvolvimento da ciência, reunindo colossais quantidades de documentação:

*Universities, anxious to develop into major research institutions, appointed strong librarians who sought out collections, embarking upon a period of collection building (...). University libraries bought private collections, entire bookshops, every item in the catalog of an antiquarian dealer. Institutional collecting was a major force in the support universities provided to their scholars. Competition for faculty during this period was intense as it was during the late 1800s, and the library continued to be an asset in faculty recruitment. By 1990, all members of the Association of Research Libraries (107 universities) had collections over 1 million volumes.* (LYNCH, 1998:15)

O contributo das bibliotecas americanas está, no meu entender, relacionado com dois aspetos principais: a grande capacidade de focalização em objetivos e, para os cumprir, uma enorme habilidade na adaptação e na flexibilidade; a forma cooperativa de organização dos sistemas biblioteconómicos, nomeadamente através de associações profissionais muito influentes. Podemos observar estas duas valências na capacidade tecnológica, que aplicada nos instrumentos técnicos e científicos usados pelas bibliotecas (catálogos, bases de dados científicas, sistemas de empréstimo, sistemas de gestão integrada, robotização de depósitos, entre outros), conflui de forma muito benéfica para lógicas cooperativas ou de consórcios, estimuladas pelo trabalho em rede.

### **Considerações finais**

Com este percurso, incidente nos últimos dois séculos, foi possível encontrar algumas prevalências que se encontram na cultura biblioteconómica, em particular no âmbito universitário. No entanto, considero essencial destacar que a vitalidade das condições

socioeconómicas da segunda metade do século XIX, associada às necessidades de cumprimento de projetos educativos nacionais iniciados desde o século precedente, deu um grande impulso ao crescimento das estruturas educativas. Isto significou que a procura estimulou uma resposta, como refere Charle (1996: 145):

*Cette demande concerne en premier lieu le niveau élémentaire: l'alphabétisation est pratiquement achevée à la fin du siècle dans les pays du nord et de l'ouest de l'Europe, tandis qu'elle s'accélère dans les pays du sud et de l'est. Elle affecte aussi la physionomie de l'enseignement intermédiaire (les diverses formes d'enseignement secondaire) et, avec des décalages chronologiques et géographiques, l'enseignement supérieur.*

À medida que o sistema de ensino se foi constituindo como obrigatório (e os níveis elementares de ensino progredindo nessa obrigatoriedade), também foi necessário desenvolver os suportes físicos e intelectuais desse ensino. Parafraseando o mesmo autor, desenvolveu-se assim uma nova procura por produtos adaptados a novos leitores (daí o exponencial crescimento de manuais escolares e, posteriormente, da edição de livros infantis), bem como uma oferta de serviços culturais diferenciados. E à medida *qu'il s'élargit, le marché des biens symboliques se différencie et contribue à la définition d'identités multiples chez ces nouveaux postulants que forment le vivier élargi des intellectuels européens de cette période.* (Charle, 1996: 145).

Em síntese, as transformações sociais e políticas, particularmente as que implicaram os sistemas educativos, transformaram a face da cultura europeia, contaminando os modos de pensar e viver a instrução e a erudição. A compreensão da educação com novos protagonistas intelectuais, tornou-se uma realidade e, novamente recorrendo às palavras de Christophe Charle, *“l'idéal professionnel des enseignants s'en trouve transformé. Ils ne doivent plus être de simples reproducteurs d'un savoir figé, mais des créateurs et des chercheurs ouvrant, à leur façon, de nouveaux domaines à la connaissance. »* E portanto, *« Le culte des savans et de la science devient à cette époque l'une des nouvelles religions laïques de la société industrielles en voie de déchristianisation. »* (Charle, 1996: 207-208). Foi neste contexto que as bibliotecas universitárias, como estruturas de suporte ao ensino e à investigação, se desenvolveram. Concorro assim com a ideia de que, encontrada uma certa alternativa ao poder eclesiástico, fundamentada na ciência e na intelectualidade, as formas de objetivação, de concretização desse poder se fizeram essencialmente pela massificação e divulgação do livro impresso, decorrendo daí a emergência de mecanismos de transferência e

transformação do poder das bibliotecas e da sua importância fundados mais nessa cultura eclesiástica e que modernamente transitariam para um âmbito mais laico. Não sem transportar consigo as marcas indeléveis das suas origens, nomeadamente em estratégias de afirmação da sua identidade – uma certa sacralização dos espaços, um certo secretismo no acesso à informação, uma certa ideia do saber como quimera inalcançável, um certo sentido de missão e de doutrinação face aos seus frequentadores. Foi também neste contexto que se multiplicaram as suas linhas de organização. Considero, em síntese, como as linhas estruturantes da constituição da identidade das bibliotecas universitárias, onde convergem as influências históricas e a partir das quais se podem problematizar estes subsistemas escolares:

**A estrutura orgânica, funcional, administrativa e técnica.** As bibliotecas universitárias são estruturas de suporte à investigação e ao ensino, servindo assim a missão da sua instituição acolhedora – a universidade. A sua matriz tem por base duas perspetivas complementares de formação - centro de documentação ou biblioteca escolar. Por um lado, na sua função de dar apoio personalizado ao investigador, a documentação disponibilizada expressa os resultados dos avanços científicos e tecnológicos mais importantes, mais especializados e mais atualizados. O bibliotecário terá de centrar a sua ação na pesquisa, convocando uma interação informação- mediação tecnológica – utilizador para responder às solicitações desta natureza. Por outro lado, como biblioteca escolar, apoia a prática do ensino, dando base documental ao currículo, isto é sustentando junto do docente a preparação da sua prática letiva e, bem assim, junto do discente o apoio ao percurso académico. As obras disponíveis terão de ser generalistas e introdutórias face às matérias lecionadas. A interação faz-se com base numa informação-mediação pedagógica-utilizador. Ambas as estruturas se sobrepõem, oscilando pendularmente na medida em que as características da instituição de ensino superior se centram ou mais na investigação ou mais no ensino. Também os aspetos normativos, técnicos e profissionais são de considerar neste ponto. No cerne da profissão bibliotecária estão também procedimentos, formas de fazer, maneiras de organizar. A abertura ao público das grandes coleções, antes reservadas, evoluindo, juntamente com a universidade, no sentido da promoção do livre acesso ao conhecimento, originou um impulso na criação de formas de melhorar o contacto direto entre o utilizador final e os documentos (já que a organização dos depósitos de acesso restrito é feita por ordem sequencial de entrada, recorrendo-se tradicionalmente à memória como estratégia habitual de recuperação). Este contexto propiciou um avanço

da normalização técnica, imprescindível para a informatização gradual dos mecanismos biblioteconómicos, e a par do trabalho interbibliotecas, contribuiu ele mesmo, do meu ponto de vista, para a configuração de uma classe profissional cada vez mais interessada em corresponder a um perfil específico, o que veio a ser possível, tal como aconteceu com a profissionalidade docente, a partir da instituição de uma formação superior da área de especialidade.

**Os espaços, dispositivos e recursos tecnológicos.** O desenvolvimento das tecnologias e a sua aplicação às bibliotecas, o crescente número de livros impressos e a edição científica e técnica em progressão constituíram requisitos respondidos pela adaptação dos espaços destinados às bibliotecas das universidades. O avanço das linguagens documentais, das classificações, dos modelos e sistemas integrados de normalização técnica (incluindo poderosos catálogos) suportado pelo aparato tecnológico, também ele em desenvolvimento, gerou a necessidade de pensar os edifícios e adaptar os espaços. As grandes bibliotecas universitárias de carácter central e as bibliotecas de faculdade ou departamentais constituíram duas linhas estratégias para pensar a conceção dos espaços, circuitos e interações dentro da universidade, refletindo as dinâmicas antropossociológicas do estudo e investigação.

**As funções pedagógicas e de apoio ao ensino e investigação.** Herdeira da Modernidade, a universidade veio ao longo do século XX a sublinhar esta combinação entre o objetivo de investigar com o de ensinar, pensando o seu papel precisamente através do diálogo entre o fazer ciência e ensinar ciência. A autonomização do aluno aprendente e a centralização do ensino nesse mesmo aluno e no seu potencial criativo continua ser um processo crucial para o desenvolvimento da visão acerca do que passou a ser o objetivo central das bibliotecas universitárias. Mais recentemente o processo de Bolonha, nos seus propósitos, acentuou esta necessidade de auto-governança do aluno, colocando nele, de forma explícita, a responsabilidade da aprendizagem.

## Referências Bibliográficas

ALTBACH, P.G. (1985). Higher Education: comparative studies In: HUSEN, T. & POSTLETHWAITE, T. N. (eds.)(1985). *International Encyclopedia of Education*. Oxford: Pergamon, pp. 2194-2196

BOYD, W. (1966). *The history of western education*. 8th ed. London: Adam & Charles Black

CHARLE, C. (1996). *Les intellectuels en Europe au XIXe siècle*. Paris : Seuil

FOSKETT, D. J. (1961). *Libraries in the service of education: a lecture delivered at the University of London, Institute of Education, 15 March 1959: on the occasion of the re-opening of the Library in new premises*. Reprinted. London, Evans Brothers.

GLEIZE, A. (1992). Les années de crise des bibliothèques universitaires. In FOUCHE, P. (dir.) *Histoire des bibliothèques françaises*. vol. 4: *Les bibliothèques au XXe siècle: 1914-1990*. Paris : Promodis : Cercle de la Librairie, pp. 672-681.

PALLIER, D. (1992). Bibliothèques universitaires: l'expansion?. In FOUCHE, P. (dir.) *Histoire des bibliothèques françaises*. vol. 4: *Les bibliothèques au XXe siècle: 1914-1990*. Paris: Promodis: Cercle de la Librairie, pp. 380-403.

KIENITZ, W. (1985). German Democratic Republic: system of education In HUSEN, T. & POSTLETHWAITE, T. N. (1985) *The International Encyclopedia of Education: research and studies*. Oxford: Pergamon Press, vol. 4, pp. 2025-2031

MAGALHÃES, J. (2010). *Da cadeira ao banco : escola e modernização* (séculos XVIII-XX). Lisboa: EDUCA

LYNCH, Beverly P. (1998). The development of the academic library in American higher education and the role of the academic librarian. In MECH, T. F. & MCCABE, G. B. (eds.) (1998) *Leadership and academic librarians*. Westport: Greenwood Press, pp. 3-21